

Seminário de História Religiosa Moderna
2ª Sessão – 20 Abril de 2010 – 17.00h

1. **Comunicação: Os teólogos e o império português no século XVI** – por Giuseppe Marcocci – Scuola Normale Superiore – Pisa, Itália.
2. **Presenças:** 27.
3. **Introdução:** José Pedro Paiva deu nota de introdução à sessão desta tarde. Informou do imprevisto da ausência do palestrante na tarde do Seminário desse dia. As cinzas vulcânicas tinham cancelado praticamente todos os voos de Itália para Lisboa, motivo pelo qual o conferencista principal, Giuseppe Marcocci, não podia estar presente. Todavia, o autor enviou o texto da sua comunicação que foi lida e pontualmente comentada por José Pedro Paiva que, antecedentemente, apresentou alguns dos principais contributos de Giuseppe Marcocci no âmbito da História Moderna de Portugal e enquadrou no contexto do seminário algumas das propostas do tema a tratar. Insistiu na ideia de que a política não prescindiu da componente teológica e jurídica trabalhadas por teólogos e canonistas que se anichavam na corte e em outras instâncias do poder, onde se criou um grupo coeso que acabou por influenciar muitas das políticas seguidas pela coroa no governo dos territórios ultramarinos, nomeadamente no que dizia respeito à evangelização e ao lugar da Igreja e do clero no processo de expansão do cristianismo.
4. **Texto da comunicação:** A ser publicado no *site* habitual.
5. **Bibliografia:** António Camões Gouveia foi sumário na apresentação de alguns autores que sobre a temática produziram investigação. Entre esses referiu José Sebastião da Silva Dias, José Saraiva, Filipe Thomaz e Jorge Alves.
6. **Intervenções livres:** O tempo habitualmente destinado às intervenções livres foi ocupado de forma diferente. A não presença do autor impossibilitou a existência do habitual debate, mas isso não inibiu os presentes de se congratularem com o excelente texto que produziu, recheado de incursões e problemas originais e do maior interesse. Intervieram António Calado, Ana Isabel Buescu, David Sampaio Barbosa e Jorge de Sousa. Sugeriu-se que a prática de evangelização seguida pelos portugueses nem sempre teria sido tão agressiva como por vezes se refere. Propôs-se a pertinência de ao falar de questões teológico-jurídicas integrar os contributos de António Hespanha. Hesitou-se em aceitar algumas das propostas de Marcocci relativamente a uma certa abertura de João de Barros ao pensamento de Maquiavel. Sublinhou-se a necessidade de abordar com mais minúcia e distinção o bulário papal relativo à expansão portuguesa, sublinhando-se, por exemplo a diferença entre as referentes a África e à América. Explicitou-se que nem todos os teólogos teriam o mesmo tipo de posição e alguns, em Trento, como Francisco Foreiro, até teriam assumido posições críticas relativamente a algumas actuações dos portugueses no império. De igual modo, e em contexto americano, houve jesuítas, como Antonil que criticaram as formas de escravatura.